

Entre antíteses e paradoxos: a representação de mulheres em cartazes de propaganda soviéticos (1931-1945)

Thaiz Carvalho Senna¹

RESUMO

O artigo em questão analisa os cartazes soviéticos em que aparecem mulheres e em que, direta ou indiretamente, perpassam a questão feminina. Costuramos a análise por meio da identificação de figuras de linguagem, especificamente a antítese e o paradoxo, os quais permeiam a lógica utilizada pelos autores das obras e pelo sistema soviético. Essas duas chaves são entendidas não apenas existentes, como essenciais, portanto, ao êxito desse tipo de arte em um momento de autoritarismo e do realismo soviético. O período, por sua vez, vai de 1931, tomado como marco no que condiz à oclusão da liberdade na URSS, até 1945, último ano da Grande Guerra Patriótica. Usaremos, sobretudo, os cartazes como fontes históricas, compreender a relação entre Estado, sociedade e questão feminina, posto que entendendo-os como importante sinal das condições materiais daquele momento. Nossa hipótese, ainda em caráter inicial, versa sobre a proposital divergência entre arte e realidade, como forma de impor uma realidade a ser vivida, a partir da exposição de aspectos ideais mostrados como reais – caráter que reflete, por um lado, a tendência realista soviética e, por outro, o caráter autoritário do governo naquele momento.

Palavras-chave: URSS; Gênero; Cartazes de propaganda.

ABSTRACT

This article analyzes the Soviet posters in which women appear and in which, directly or indirectly, they cross the feminine question. We tailor analysis through the identification of figures of language, specifically the antithesis and the paradox, which permeate the logic used by the authors of the works and by the Soviet system. These two keys are understood not only as existing, but as essential, therefore, to the success of this type of art in a moment of authoritarianism and Soviet realism. The period, in turn, goes from 1931, taken as a milestone in what concerns the occlusion of freedom in the USSR, until 1945, the last year of the Great Patriotic War. We will use posters especially as historical sources, to understand the relation between State, society and the female question, since understanding them as an important sign of the material conditions of that moment. Our initial hypothesis is about the deliberate divergence between art and reality, as a way of imposing a reality to be lived, from the exposition of ideal aspects shown as real - a character that reflects, on the one hand, the realistic tendency Soviet Union and, on the other, the authoritarian nature of the government at that time.

Keywords: USSR; Gender; Propaganda posters.

¹ Universidade Federal Fluminense.

Forma-cartaz: o olho do tempo

22% era a porcentagem de mulheres camponesas alfabetizadas, em 1917. O restante da população não elitizada não se encontrava em condições muito melhores: 53% dos homens camponeses; 61,1% das mulheres urbanas e 79,8% dos homens urbanos, constituindo 42,3% do total da população (MIRONOV: 1991, p.240). Essa é uma das características mais usadas para justificar o sucesso da forma-cartaz na Rússia soviética e URSS. De fato, esse é um ponto importante. Com imagens impactantes e textos em geral curtos, os cartazes de propaganda conseguiam chegar às vistas, mentes e corações de milhares de pessoas que não tinham estudo. Os camponeses, por exemplo, gostavam de ficar por horas olhando cada novo cartaz, e, mesmo os alfabetizados, concentravam-se sobretudo não nos slogans escritos, mas nas imagens (BONNELL: 1997, n.p.).

Todavia, o número diminuto de alfabetizados no início da República Socialista Soviética não explica totalmente o sucesso desse formato. Nas décadas de 1930 a 1960, quando os cartazes eram ainda amplamente produzidos e difundidos, as taxas de alfabetizados estavam em 93,5% e 99,3%², respectivamente (MIRONOV: 1991, p. 243), tendo inclusive a taxa da mulher camponesa estado maior do que a masculina (99,4% e 99,1%, respectivamente) (MIRONOV: *ibidem*, p.243). Ademais, ainda que o pouco e por vezes marginal texto fosse importante para o entendimento dos não-letrados, havia diversos cartazes com uma quantidade considerável de letras. Nesse caso, era comum a leitura em grupo, em que um dos membros que sabia ler o fazia para os outros, o que legitima um possível, ainda que dificultoso, acesso ao conteúdo dos cartazes, para além do analfabetismo.

Observa-se, pois, que certamente o analfabetismo não foi a única causa dos cartazes de propaganda serem um formato vitorioso na sociedade soviética. Podemos elencar ao menos duas outras justificativas para esse ocorrido, as quais nos ajudarão a traçar os caminhos deste trabalho: as tradições russas e, conseqüente delas, a capacidade dos

² Aproximadamente. Esse dado é relativo ao ano de 1959.

cartazes de dialogar com seu interlocutor. Essas razões podem, por sua vez, serem lidar pelas chaves de forma e conteúdo.

Em termos de forma, observa-se que, desde seu início e em variados aspectos, os cartazes soviéticos devem ao *lubok*. Esse gênero literário tradicional da arte popular russa, com raízes nas narrativas populares e religiosas, detinha imagens de fácil percepção, em geral acompanhadas por mensagens explicativas, produzidas a partir de composições por litogravuras ou xilogravuras. Cartazes soviéticos narrativos (isso é, que literalmente contavam uma história), com bordas, estrutura dicotômica (negativo/positivo e suas variantes, errado/certo, bom/mau) são referências diretas ao *lubok*. Também a tipografia e a imagética de diversos cartazes retomavam esse gênero. Algumas dessas características, com destaque para a estrutura dicotômica, permaneceram até os cartazes das décadas de 1960.

Também nas cores podemos ver aspectos que dialogam diretamente com as tradições russas. É o caso da cor da revolução e, posteriormente, da União Soviética. Relacionada à ideologia comunista em geral, na Rússia essa cor era sagrada, a mais importante na cultura ortodoxa, cuja raiz é a mesma de *belo*.

Em termos de conteúdo, também observamos os temas típicos dos *luboki* nos cartazes soviéticos. Exemplo disso é o santo patrono da Rússia, São Jorge, que aparece em alguns cartazes com o trabalhador-herói em seu lugar, derrotando o dragão do capitalismo (BONNELL: 1997, p.32), além da conhecida obra em que o bolchevique Liév Trótski representa o santo. Outrossim, uma figura muito presente nesse tipo iconográfico é o ferreiro. Segundo a socióloga Victoria Bonnell, quando um contemporâneo lia esse personagem nos cartazes, ela por vezes os remetia ao seu conhecimento de alegoria na cultura russa tradicional (BONNELL: 1997, p.33).

Para Bonnell, “foi a combinação da mitologia popular e da ideologia política que deu à propaganda bolchevique seu poder persuasivo” (BONNELL: 1997, n.p.). Os cartazes soviéticos, ao dialeticamente representar o antigo e o relacionar ao novo recém-criado, legitimaram-se como um meio de comunicação, instrução e arte. Estando em desde hospitais e creches até trens e navios (nomeadamente os agit-trens e agit-navios, ferramentas de agitação do início da era soviética), os cartazes tornaram-se objetos comuns na vida das pessoas e objetos importantes na sociedade soviética. Assim como o

cinema foi o herdeiro da literatura na cultura russo-soviética, podemos dizer que também os cartazes foram, em algum grau, herdeiros dos *luboki*.

A consequência dessa combinação, e motivo da legitimação dos cartazes, foi sua capacidade de dialogar com seu público-alvo, a classe trabalhadora e camponesa. Ao falar a linguagem desses sujeitos, essa forma pôde-se perpetuar, bem como adaptar-se às mudanças sofridas pelos mesmos. De fato, a relação entre as representações dos cartazes e a população eram dialéticas. Ao mesmo tempo em que aquelas se adaptavam a essa, também a transformava. Em relação ao ponto central deste trabalho, isso importa à medida que demonstra, também dialeticamente, a relação entre o autoritarismo estatal e a disposição ao autoritarismo presente no próprio povo.

Autoritarismo : tradição e psicologia

Podemos considerar que esse autoritarismo russo provinha de duas vias: as tradições russas e a psicologia de massas. Esse ponto é defendido pelo psicanalista Wilhelm Reich. Em *Revolução Sexual* (1966 [1936]) e outros trabalhos, ele defende que a sociedade autoritária se reproduz com o auxílio da família autoritária (REICH: 1966, p. 196), sendo não sua base, mas uma importante instituição de apoio. Considerando, com Reich, que “A "ideologia" social assim estabelecida, por seu lado, forma a estrutura humana. Desse modo, torna-se uma força material, conservando-se na estrutura do homem como "tradição", compreendemos assim o segundo ponto, isso é, o das tradições autoritárias na Rússia.

1930 – 1945: da *baba* à *kolkhoznítsa*, da maternal à marcial

Entre os momentos incomuns de democracia na Rússia, podemos dizer que, quando se trata da questão feminina, o mais culminante foi o pós-Revolução de Outubro. Nessa sociedade em que o novo (ainda que com pés no antigo) instaurava-se, foi realizada uma potente tentativa de emancipação das mulheres. Ela ocorreu por meios legais, com leis vistas em poucos países – tal como o divórcio, a pensão alimentícia – e leis nunca antes implementadas – como a legalização do aborto e a igualdade salarial entre os gêneros; por meios econômico-sociais, com a implementação de estruturas que pretendiam transferir o trabalho doméstico e de cuidados, historicamente delegados às mulheres, para o Estado, tais como creches, lavanderias, refeitórios e enfermarias públicas; e, ainda, por meios culturais. Nesse caso, a mulher, que era, no contexto moderno europeu, um ser a ser visto, a musa, que aparecia representada quase sempre no lugar da *domus*, e não da

ágora, que vigorava como objeto, e não como sujeito, sofre uma brusca transformação na Rússia pós-soviética. Por um lado, mulheres artistas pululam. Estima-se que, nos ateliês e escolas artísticas dos primeiros anos da Revolução (até o ano da criação da VHUTEMÁS, instituição de *design* oficial), 50% dos participantes eram mulheres. Por outro lado, também as representações femininas foram um ponto fora da curva naquele contexto. Não apenas como personagens, sujeitos, mas também protagonistas, as mulheres passaram a ser representadas no lugar da *ágora*, aparecendo inclusive sozinhas em muitos cartazes que tinham não um teor sexual, mas político. Esse panorama significou um contexto progressivo em relação às mulheres, que se colocava contra as tradições retrógradas, reacionárias e autoritárias.

A autoridade do *pater familias*, por exemplo, é retirada já na Primeira Constituição Soviética (1918), em que se coloca a igualdade entre todos, bem como é corroborada pelo Primeiro Código do Casamento, Família e Tutela (1918), em que se desobriga a mulher de seguir ao homem. Cartazes iconográficos foram da mesma forma responsáveis por apresentar e reforçar a ideia de igualdade entre os gêneros, ao colocar homens e mulheres lado a lado. Também tradições históricas russas, como o costume de presentear o noivo com um chicote, para que ele castigasse a futura esposa quando “necessário” (ORR: 2009) foram combatidas, não apenas a partir das leis e ideais de igualdade da nova sociedade, mas também a partir da iconografia em cartazes.

Esse cenário de combate ao autoritarismo, que durou, com instabilidade, até por volta de 1930, foi responsável por fincar no governo soviético o paradigma da igualdade. Esse, que retoma a Revolução Francesa, porém a supera – sendo não apenas político, mas também social e, ademais, abarcando a igualdade entre homens e mulheres (e também, posteriormente, entre etnias), ao invés de degolar as segundas, como fez com Olympe de Gouges – é corroborado pelo Partido Comunista, em aspecto discursivo, até o último suspiro da União Soviética.

A URSS foi de fato precursora no que condiz ao paradigma da igualdade. Diversas questões colocadas apenas na década de 1960 pela juventude foram colocadas em pauta e até mesmo resolvidas pela Rússia do imediato pós-revolução, como o direito das mulheres pelo seu corpo. Parte dessas questões poderem virem à tona tornaram-se possíveis apenas posto que foram discutidas “não em associações e círculos particulares, mas socialmente, estatalmente, oficialmente” (REICH: 1996, p.246), com participação

ativa da sociedade, como ele relata em sua obra em relação à discussão da natalidade e do aborto.

Ademais, algumas das questões foram tão precursoras que solaparam até mesmo o tempo presente, isso é, o século XXI. É o caso da própria necessidade de representação de outro personagem que não o homem branco, inclusive ao tratar de questões “gerais” da sociedade³.

Esse progressismo, todavia, era contraditório. Em geral, ele se colocava muito mais no campo do discurso, do que na prática, на быт. E se, mesmo não estando tanto em voga na prática, o governo sentia necessidade de legitimar esse paradigma como real, era porque esse em muito importava. Ao mesmo tempo, para vigorar tanto em tempo em discurso, é certo que alguma, ainda que mínima e contraditória, base prática deveria haver. E havia.

Moshe Lewin (1985, p. 17) ajuda a clarear esse fato, expondo uma história não maniqueísta: “O fato de tantas pessoas se recusarem a ver Stálin como organizador de um regime de terror pode ter a ver com aqueles aspectos de suas políticas que indiscutivelmente atenderam aos interesses da nação”. “De fato, em relação à questão feminina, a URSS avançou como nenhum outro país à época. Lá as mulheres estavam em postos políticos, muitas vezes altos; em profissões historicamente masculinas, inclusive as que necessitavam do físico; em postos militares, mesmo após a Segunda Guerra Mundial. Esse era um panorama incomum à época e a URSS tinha-o construído. O igualitarismo social estava mais avançado do que a maioria dos países até, pelo menos, a década de 1960.

Em discurso, a igualdade havia sido conquistada em 5 de janeiro de 1930. Nesse dia, como justificativa para liquidar o Jenotdel, Departamento de Mulheres Trabalhadoras e Camponesas do Partido Comunista Soviético, disse Stálin que “a questão das mulheres já foi resolvida” (STÁLIN apud VORONINA: 2003, p. 111). Desde então, vemos nos discursos oficiais imagéticos e textuais (como PICHUGINA: 1939), odes à igualdade feminina existente e ao Estado soviético (e não às mulheres soviéticas) por tê-la conquistado. Na Guerra Fria, inclusive, fica claro o uso que faz o Partido dessa questão: ele a usa a nominada igualdade como uma arma, isso é, algo que os países capitalistas

³ Sobre as questões gerais, as mulheres começaram a aparecer representando-as, sem os homens, após apenas a década de 1930.

não teriam, mas a URSS, sim. Isso demonstra, uma vez mais, o quanto de importância tinha a igualdade entre os sexos na sociedade soviética.

Vemos, então, que a propaganda em torno da igualdade pretensamente conquistada demasiada importante, o que não se dava nos outros países e o que demonstra 1) o paradigma de igualdade ainda vigente, legitimando o socialismo soviético ainda como socialismo, em termos discursivos, 2) um mínimo de melhoria em torno da situação feminina, a fim de legitimar esse discurso.

No entanto, ao que nos parece, essa melhoria era superestimada pela propaganda soviética. Os postos políticos ocupados por mulheres, em especial os altos, em sua maioria esvaziados politicamente – tal qual a maioria dos outros, excetuando-se pelo Politburo; as mulheres exerciam de fato muitos cargos antes por elas impensados, porém, 1) estavam sujeitas à dupla exploração, já que as tarefas domésticas, apesar de socializadas (isso é, tornarem-se responsabilidade do Estado) era realizada pelas mulheres (nas estruturas estatais) e, mesmo as que não as realizavam, tinham uma extensa rotina em relação a elas, recheadas de filas: abastecer-se e à família de alimentos, pegar e levar roupas, pegar as crianças na creche ou escola, etc; 2) muitas carreiras eram divididas, como as dos médicos. Havia duas “classes” de médicos, uma mais técnica, considerada inferior, de maioria feminina, e outra mais especializada, considerada superior, de maioria masculina; 3) eram minoria na maioria deles - para citar um exemplo simbólico, que denota a perpetuação dessa situação, Valentína Terechkôva foi a primeira mulher do mundo a ir para o espaço, apenas 2 (embora significativos) anos após o primeiro homem, Iuri Gagarin (1960). Todavia, a segunda mulher a ir ao espaço, a também soviética, Svetlana Savítskaia, fê-lo apenas 19 anos depois, embora dezenas de soviéticos tenham ido. O alto número de propaganda sobre “a primeira mulher do mundo a ir para o espaço” durante esses 20 anos, que circularam por toda a URSS, não parece condizer então condizer com o fato de apenas 1 mulher em quase 20 anos tê-lo feito. Também em relação aos cargos militares podemos usar Terechkôva para explicitar a desigualdade: foi ela a primeira general mulher da URSS – mesmo tantas heroínas de guerra, os altos cargos ficavam reservados a homens.

Além da desigualdade, já trabalhada por diversos autores, o autoritarismo do socialismo soviético também atingia, é claro, essa parcela da sociedade. Esse é o tema que analisaremos aqui, tendo por base esse fenômeno conforme aparece nos cartazes de propaganda que envolviam a representação feminina.

O período de análise escolhido para este trabalho foi o de 1931 a 1945. O segundo ano justifica-se pelo fim da Grande Guerra Patriótica, um marco que transformou não apenas as prerrogativas em relação aos cartazes, como também a questão feminina. Na guerra, as mulheres foram, por infinitas vezes, protagonistas dos cartazes – o que não ocorreu, por exemplo, após 1945 (BONNELL: 1997, n.p.). O primeiro ano, por sua vez, justifica-se por ser o primeiro em que o Partido Comunista obteve o controle direto e amplo da produção de cartazes. Em sendo nosso objetivo analisar as representações enquanto parte de uma política partidária quanto às mulheres, analisar um período em que o PC já está no controle dessa produção facilita, então, o traçar das relações e deduções. E o PC é, por sua vez, também não democrático, mas controlado: o stalinismo já está à época instaurado e esse é, como quer Lewin, “um produto de um sistema partidário que havia perdido o controle sobre sua existência política” (LEWIN: 1985, p.17). Para Lewin, por trás da imagem que Stálin projetava, “escondia-se uma pessoa muito diferente” (LEWIN: ibidem, p. 49). É também essa a lógica dos cartazes da época stalinista.

Além disso, 1931 é também depois do fatídico ano de 1930. Esse, que pode também ser considerado um marco em relação às forças frias, tem logo em seus primeiros dias do ano o fim do Jenotdel, isso é, a resposta à questão feminina passa definitivamente para as mãos do Partido; outrossim, é de 1930 o cartaz de Gustav Klutssis (1895-1938), “Sob a bandeira de Lenin, para a construção do socialismo” (KLUTSSIS:1930). Esse cartaz mostra Lenin e Stálin compartilhando o mesmo olho, isso é, o mesmo olhar para o futuro. Lenin aparece um pouco à frente, dando a entender Stálin como seu herdeiro. Por conta dessa posição, porém, o então líder soviético desgostou do cartaz e, por mais que o artista trabalhasse com muito empenho produzindo muitos cartazes para agradar Stálin nos próximos anos, esse o perseguiu até matá-lo, em 1938. Isso nos demonstra que, em 1930, não era mais preciso apenas não mostrar o que não podia ser mostrado, mas devia-se já necessariamente mostrar o que precisava ser mostrado – o PC já tinha, então, um controle considerável da propaganda. Por fim, foi também em 1930 a sintomática morte do “poeta da revolução”, Vladímir Maiakóvski (1893-1930).

É necessário, ainda, citar o ano de 1934, considerado por muitos o marco em relação às artes. Ano do Primeiro Congresso de Escritores Soviéticos, ele oficializa o realismo soviético, movimento que impunha diretrizes específicas para uma arte pró-partido e governo, consolidando o controle que vinha desenhando-se, portanto.

Todo esse panorama já indica, por si só, um crescimento do autoritarismo enquanto prática. Antes, uma diversidade muito maior de temas e técnicas e uma quantidade muito maior de artistas produziam os cartazes, e com um grau, evidentemente, muito menor de controle. De 1918 até 1921, por exemplo, 3100 pôsteres foram produzidos por 450 organizações diferentes – uma média de 6 por organização, o que indica uma produção não monolítica e diversificada.

Entre antíteses e paradoxos: as mulheres nos cartazes soviéticos (1931-1945)

O cenário posterior, em especial a partir de 1931, todavia, já demonstra dada falta de democracia, não apenas pela pouca diversidade de artistas, como também pelo início da perseguição a esses, quando não eram realizadas as obras necessárias ou vice-versa.

Esse autoritarismo se refletiu nas obras, inclusive nas da questão feminina. Porém, não de forma direta. Isso porque, em nosso entendimento, a propaganda soviética das décadas de 1930 e 1940 era e buscava ser a antítese da vida real. Aqui faz-se mestre o conceito de representação indicado por Roger Chartier, de que representar é fazer presente o que está ausente (CHARTIER: 2010). Nesse sentido, o PC buscava representar nos cartazes a realidade desejada para o futuro, tendo a imagem então funcionado como um veículo para antecipar e conquistar o futuro, em que representar é invocar (BONNELL: 1997, n.p.) algo que não se dá como realidade.

Uma segunda chave central em nossa análise é a da nova-antiga mulher. Essa convergência entre traços implícitos do passado e traços explícitos do futuro (conforme pensado) para construir o presente é típico da URSS stalinista. O paradoxo nova-antiga mulher, em verdade, parte do próprio não-moderno modernizado Estado soviético (LEWIN: 1985, p.85), bem como um presente-futuro (BONNELL: 1997, n.p.) representado pela URSS. Ao representar, os cartazes faziam presente, portanto, não apenas no sentido contrário à ausência, mas também no sentido temporal, pré-futuro.

Construiremos então nossa apresentação a partir dessas duas chaves principais, convergindo a outras, quando a fonte requerer.

Figura 1 – Jenschini v Kolhozakh – bolchaia sipa (Mulheres nos *kolkhoz* são um grande poder).



388. Сварог В.
Женщины в колхозах — Большая сила. И. Сталин. 1935

Fonte: V. Sparog, URSS, 1945. Disponível em:

<<https://www.sovietposters.com/showposter.php?poster=800>>

Esse cartaz mostra em primeiro plano uma mulher com traje típico da *kolhónitsa* - lenço e saia vermelhos, camisa branca. Ela tem braços e seios grandes, bem como ombros largos. A personagem sorri e tem um dos braços ao alto, com a mão na testa, em gesto que indica o olhar para o futuro. Ela segura um balde vazio, que paira ao lado de galões de água cheios, sinal de trabalho feito, bem como, em segundo plano, há um balde com água cheio, sinal de que mais trabalho será feito, ou seja, o trabalho nunca para e não parará no futuro (BONNELL: 1997, n.p.). O futuro será de trabalho, mas também de felicidade. O sorriso, o braço estendido e os baldes, juntos, mostram uma convergência plena entre trabalho, felicidade e futuro. No penúltimo plano, vemos símbolos da coletivização e, no último plano, mas não menos importante, um céu azul, que converge com o futuro feliz – o futuro que, lembramos, é presente nos cartazes. Fazem-se atentar também os tons pastéis do cartaz. Esses, que eram usados no início dos cartazes de coletivização (fins da década de 1920, início de 1930), foram substituídos por tons mais fortes e brilhosos, especialmente preto e vermelho (BONNELL: 1997, n.p.).

O foco desta análise versa sobre a distorção entre a representação e a realidade. Não queremos, é claro, afirmar que seja possível haver qualquer representação inteiramente convergente com a realidade – embora fosse precisamente essa sentença que o realismo

soviético defendia. Entretanto, destaca-se aqui a divergência antitética e, nesse caso, até em algum grau irônica, ao comparar obra e vida real.

Ironia essa que se dá não pela coletivização forçada dos campos, que já estava em curso à época, mas sim, pela ampla e profunda resistência das mulheres camponesas quanto a esse processo. De fato, homens e mulheres lutaram contra a coletivização forçada. Segundo Bonnell, esse processo remeteu a duas grandes calamidades da história russa: uma segunda servidão ou a chegada do Anticristo e do apocalipse. Todavia, ainda segundo essa autora (1997, n.p.), o governo atacava menos as mulheres, por considerarem-nas menos perigosas (era a mesma lógica de Stálin ao não aniquilar as mulheres importantes do governo como fez com seus “camaradas” homens).

Seja por isso ou não, as mulheres foram proeminentes e tomaram à frente da resistência. Mulheres camponesas delegadas do Jenotdel entraram em conflito com a coletivização dos campos. O processo de luta feminino contra a coletivização forçada foi tão marcante que chega a ser considerado como uma das causas para o desmantelamento (também forçado) do Departamento de Mulheres Trabalhadoras e Mulheres Camponesas do Partido Comunista, o Jenotdel⁴. Isso teve como consequência a retirada das reuniões de delegadas no campo, por parte do governo. Kaganóvitch colocou que esse “problema” havia surgido “em primeiro lugar porque as organizadoras do partido entre as mulheres tinham concentrado-se demais em *problemas da vida cotidiana das mulheres*, e não o suficiente na educação política entre as mulheres.⁵ A retórica do porta-voz colocava então a resistência política das mulheres que sempre foram consideradas os sujeitos mais atrasados da Rússia (as *babas*, camponesas) como algo não político, como um assunto “de mulher”, logo, inferior. Para Kaganóvitch, esse tipo de assunto não deveria mais ser o foco, mas sim, o tema político. Apesar da relação “resistência contra coletivização” e “mulheres” não ser política o suficiente, o Partido considerou mais tarde a coletivização não apenas como política o bastante, como também, como um assunto passível de se relacionar a mulheres, no citado slogan principal do Dia das Mulheres. Essa lógica irônica é a mesma do presente cartaz.

Esse não foi, é claro, o único cartaz desse tipo. Na verdade, os cartazes acerca da coletivização tinham, inclusive literalmente, mas não apenas, rosto de mulher. É nesse

⁴ Sobre isso, ver PATTERSON: 2011

⁵HAYDEN: 1976, p.171, grifo nosso.

momento que elas começam a aparecer como protagonistas de cartazes que não são acerca da questão feminina (que é o que ocorria na década de 1920). Mais do que isso, algo impensável anteriormente, aparecem ao lado de homens, porém, em lugar de destaque. Um famoso cartaz que representa isso é o de Vera Korableva, “Idi, tovarisch, k nam v kolkhoz!” (Venha, camarada, junte-se a nós na *Kolkhoz!*”, de 1930. Embora, como acentua Bonnell, pelo local central no cartaz e por ser a produtora da ação (a qual é a própria fala do texto), atentamos que ainda assim perpetua-se uma hierarquia. Ela está abaixo do homem, assim como representações femininas aparecem em inúmeros cartazes diante das masculinas – embora não tenhamos visto em nossas pesquisas, nunca, o contrário acontecer.

Figura 2 - Idi, tovarisch, k nam v kolkhoz! (Venha, camarada, junte-se a nós na *Kolkhoz!*)



Vera Korableva, URSS, 1930. Disponível em: <<http://www.tathasta.com/2017/09/35-communist-propaganda-posters.html>>

No cartaz de Sparog, tal como no de Korableva, bem como em tantos outros da temática da coletivização, com mulheres sorridentes e bochechas rosadas, observamos que a premissa de Chartier aparece, na verdade, invertida: representar foi fazer explicitamente ausente o que estava presente – o autoritarismo estatal sobre as camponesas e a resistência das mesmas, que certamente tinham um oposto de um sorriso no rosto acerca dessa

temática. E mais do que conquistar o futuro, essa propaganda parece mais querer apagar o passado e o presente.

Figura 3 – Slava Materi Geroine! (Glória à Mãe Heroína!)



Fonte: Nina Vatolina, URSS, 1944. Disponível em: <

<https://cramswansea.wordpress.com/2016/11/23/militarism-in-post-soviet-russia-war-identity-and-culture-1990-2000/>>

O cartaz acima é de autoria da reconhecida artista Nina Vatolina, produzido no ano de 1944. Ele mostra uma mãe rodeada de seus dez filhos. De vestido floral, representando o feminino, mas vermelho, em referência ao comunismo, ela carrega um bebê loiro, de olhos azuis e ainda mais claro que todas as outras crianças – assim será o futuro. Todas as figuras masculinas estão relacionadas a alguma atividade política ou militar. Do lado esquerdo, um menino é do Exército Vermelho. Do direito, um da Marinha. Eles olham sérios e em direção ao futuro. O de baixo, menor, já brinca com o avião para no futuro ser da Aeronáutica. O menino do canto inferior esquerdo e o do meio direito são Pioneiros. Nenhuma das meninas é ligada simbolicamente a nenhuma função política ou militar. Uma delas, porém, já toma conta da irmã mais nova, tendo também seu olhar dirigindo-se a ela.

O período é de guerra. Ao menos 1 milhão de mulheres participaram da Segunda Guerra Mundial (ALEKSIÉVITCH: 2015, n.p.). No entanto, em parte considerável da

iconografia, observa-se a luta da mulher como apenas o cuidado dos filhos e seus feitos heroicos apenas a criação dos mesmos.

A mãe em questão é a “Mãe Heroína”, como denota o broche em seu peito. Ela era uma personagem comum em cartazes e que se confundia também com o título homônimo. Esse era dado para mães que tivessem criado 10 ou mais filhos. O título era materializado em uma medalha e uma declaração. Além disso, essas mulheres ganhavam também privilégios na sociedade e no trabalho, como a soma de 1000 rublos caso criassem 10 filhos e 5000 rublos, caso o número fosse de 15, constituindo-se assim não apenas uma homenagem, mas também uma assistência, ou seja, um estímulo e uma compensação. A ordem da Mãe-Heroína foi estabelecida no mesmo ano da divulgação do cartaz de Vatolina.

De fato, houve uma tendência de queda da taxa de natalidade desde a instauração da República Soviética, o que justifica, para um Estado, campanhas natalistas. Quando a interrupção voluntária da gravidez foi novamente criminalizada, ainda se dava o ano de 1936, portanto antes do início da Segunda Guerra Mundial. Como indica Lewin (1985, p.450), de fato, essa tendência à queda já estava em voga. Porém, ela não pode ser considerada o único fator da ampla campanha natalista estatal. Isso porque quando a taxa estava também profundamente, embora um pouco menos, baixa, isso é, após a participação russa na Primeira Guerra Mundial (1914-1917) e na Guerra Civil (1918-1921), a política aprovada foi exatamente o oposto do natalismo: a legalização do aborto.

O aborto foi legalizado como um mal menor, já que se considerava que à época a URSS não tinha como dar condições de sobrevivência e criação social para todos os filhos nascidos. Quando Stálin legitima seu poder, os discursos passam a promover o otimismo e a ideia de que tudo está indo muito bem – logo, não é mais necessário realizar abortos.

Todavia, na realidade, não era assim. Um relato elucidativo, de uma mulher soviética contemporânea à criminalização do aborto, Nina Erchova, demonstra ao mesmo tempo a farsa da emancipação feminina e o problema da Mãe-Heroína:

Se uma mãe tem sete crianças, uma tem que ser enviada à escola, outra ao jardim de infância, a terceira à creche; e então, à noite, a mãe tem que pegar todas elas, dá-lhes a ceia, colocar suas roupas, pô-las na cama... Bem, então, que a mãe não tem muito tempo para o trabalho – na verdade, ela não tem nem um minuto para si mesma. Isso claramente significa que a mulher será inábil para tomar parte na vida pública, inábil para o trabalho... (PRAVDA: 1936, *apud* ARMSTRONG: 2012, p.9).

A propaganda agressiva em prol da construção de uma prole extensa – ia contra os próprios desejos, necessidades e realidade das soviéticas daquele momento (progressivamente, é claro, a política ganha corpo e é de fato efetiva). Apesar do *boom* pós-guerra (que não foi apenas na URSS, mas também, por exemplo, nos EUA), a tendência à baixa natalidade continua nessa sociedade, passando a 29 filhos a cada mil pessoas na década de 1960, sete vezes menor que a taxa do início da década de 1920 (LEWIN: 1985, 250).

Com propagandas como a de Voronina, assim, tentava-se fazer presente desejo e prole que estavam ausentes no contexto real. E para além de ser uma medida conservadora, à medida que tenta influenciar a escolha de uma mulher parir ou não, é também, enquanto política, autoritária, se vista no conjunto daquele contexto: a proibição da interrupção voluntária da gravidez; o repasse de dinheiro, considerando pessoas que não necessariamente quisessem filhos, mas que precisassem do mesmo; e, ainda, multas para as pessoas que não tinham filhos, inferindo diretamente na liberdade pessoal, tornavam o olhar sisudo da Mãe-Heroína praticamente um dever, uma ordem, uma opressão. Afinal, para as muitas mães que não desejavam ter sequer um filho – isso é, ter seu direito de abortar restaurado – ser pressionada a ter dez ou quinze não pode ser considerado nada mais que uma opressão. Em relação a isso, podemos citar que em 1935, um ano ainda antes da criminalização do aborto, 7500 pais foram processados por terem deixado seus filhos sem vigilância (TRÓTSKI: p.103)

Uma prova disso é visto em sua alteridade: um carta defins da década de 1960, na mesma URSS:

Figura 4 – Odín rebenok – khoroch, dva – lutchche! (Uma criança é bom, duas é melhor!)



Fonte: V. Stepanov, URSS, 1968.

Ao observar, na figura 4, o riso, os olhares acalentadores, a presença dos dois pais, o número de crianças, percebe-se, em comparação com a figura 3, o quão rígida pode ser essa última.

Há de se pensar, com tudo isso, que há motivações específicas do contexto das décadas de 1930 e 1940 para instituir políticas natalistas, e, além delas, representações natalistas. Em relação à segunda, podemos considerar a própria militarização da sociedade e o quanto tal militarização pode dar um sentimento de pertencimento de grupo para uma sociedade devastada – como estava no início da década de 1930, com a fome soviética de 1932-33. Ademais, em relação ao primeiro ponto, conforme teorizou a filósofa Elizabeth Badinter, sabe-se que o mito do amor materno foi criado para legitimar o Estado, quando, a partir do século XVIII, toda perda humana torna-se um dano para esse, visto que é uma garantia do seu poderio militar (BADINTER: 1980, p.154) – preciso, em relação ao ano em que é produzido o cartaz.

Percebe-se, assim, que as políticas natalistas, incluindo as representações, vão muito além de números. Pelo paradoxo intrínseco à URSS, porém, a antítese velho-novo se combina de uma forma muito própria e o velho toma forma do novo, mesmo que seja para defender o exato oposto do primeiro. Como coloca o revolucionário bolchevique Liév Trótski, “Os mesmos argumentos que outrora serviram para defender a liberdade incondicional ao aborto e ao divórcio – a emancipação da mulher, a defesa dos direitos da pessoa, a proteção da maternidade – são retomados para alimentar ou proibir um e outro.” (TRÓTSKI: 1994, p. 105-6).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEKSIÉVITCH, Svetlána. *A Guerra não tem rosto de mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ARMSTRONG, B. *Was the life better or worse for women under Stalin?* Notes on women in Soviet USSR, 2012. Disponível em: <https://historyrevision.files.wordpress.com/2012/03/was-life-better-or-worse-for-women-under-stalin.pdf>

BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BONNELL, Victoria E.. *Iconography of Power: Soviet Political Posters under Lenin and Stalin*. Berkeley: California: University of California Press, 1997.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. Disponibilizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em: <<http://www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/nocaoderepresentacao.pdf>> . Acesso em jul.2018

CLIFF, Tony. *Class Struggle and women liberation*. In “Reds – Die Roten”, 1984. Disponível em: < <http://www.marxists.de/gender/cliff/index.htm>> . Acesso em: 21 fev. 2016.

CÓDIGO do Matrimônio, or família e tutela. RSFSR: 1918. Disponível em: < <http://www.7ya.ru/article/Semejnyj-Kodeks-1918-goda-Razdel-1-Akty-grazhdanskogo-sostoyaniya>> . Acesso em mai. 2015

GOLDMAN, Wendy. *Mulher, Estado e revolução*. São Paulo : Boitempo Editorial, 2014.

KOLLONTAI, Alexandra. *A nova mulher e a moral sexual* [1918] Rio de Janeiro: Global, 1978.

MIRONOV, Boris N. “The Development of Literacy in Russia and the USSR from the Tenth to the Twentieth Centuries.” *History of Education Quarterly*, vol. 31, no. 2, 1991, pp. 229–252. *JSTOR*, JSTOR, www.jstor.org/stable/368437.

ORR, Judith. “Z is for Zhenotdel.” In: A-Z do socialismo, [s.l.] setembro de 2009. Disponível em: . Acesso em 19 jul.. 2018.

PATTERSON, Michelle Jane. Red ‘Teaspoons of Charity’: Zhenotdel, Russian Women and the Communist Party, 1919-1930. Tese de Doutorado. Universidade de Toronto, 2011. Disponível em: <http://bit.ly/1MxfEwW>

POLLOCK, G. *A modernidade e os espaços da feminilidade in Gênero, cultura visual e performance* - Antologia Crítica (org. Ana Gabriela Macedo; Francesa Rayner). Edições Minho: Famalicão, 2011

REICH, Wilhelm. *A revolução sexual*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976

TROTSKY, Leon. *Da velha à nova família* [1ªed. Periódico Pravda, 1923] in Caderno Desafio nº 1 – A mulher e a família. São Paulo: Editora Desafio, 1994

VORONINA, Olga. *Feminizm i gendernoe ravenstvo* (Feminismo, gênero e igualdade). Moscou: Editorial, 2003.